

1
ESCUDO

Reporter.

Semanario das
grandes reportagens

AN O I

11 de Abril de 1931

Numero 36



LER NESTE NUMERO: Entre os «rufias» de Lisboa—Uma história sem pés nem cabeça—Mais inconfidências de Coimbra, etc., etc..

COMPRA
OURO, PRATA
E JOIAS,
ETC.

A COMERCIAL
18, Trav. da Trindade, 22 (ao Chitado)
Telex. 2 5082

VENDE
OURO,
JOIAS, PRA-
TAS, ETC.,
POR PREÇOS
MÓDICOS

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte
da United States Lines
TELEFONE, 782

Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais
— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34
LISBOA

DOENÇAS DO ESTOMAGO

**CURAM-SE COM O
ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS**

Comprar somente do que tem a cinta de garantia, com a assinatura do preparador. A cinta é nas cores vermelha e amarela

Unicos depositários para Portugal e Colonias

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS—194, R. da Prata, 196

Feliciano Sobral

RUA DA FÁBRICA, 11, 2.º

PORTO

Telefone, 4353

Atoalhados, Colchas,
Cobertores, Riscados, etc.

Representante da Casa

Teixeira de Abreu & C.ª

de

GUIMARÃES



É caro? É! Mas no
ESCONDIDINHO

come-se porque o
ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

□ □

A sua cozinha, os seus
"ménus", os seus ser-
viços, os seus talheres,
os seus vinhos são ce-
lebres e não têm rival.

□ □

Rua Passos Manuel--PORTO

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$000
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.263\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem te-
mpre em vista que nenhuma outra Com-
panhia livres pode oferecer maiores vanta-
gens: o seguro da vida obedece à matemá-
tica e esta é uma só. O que os segurados
devem exigir é idoneidade da Companhia,
e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a es-
cadá-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, Lda
DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)



MAIS INCONFIDÊNCIAS DE COIMBRA

A TROCA MÁGICA DOS PINHAIS

COIMBRA — já o disseram algures — é a cidade dos doutores em geral e dos advogados em particular.

O visitante chega à estação e logo os moços bagageiros se aproximam desbarretados, lamuriientos, a tratá-lo por «senhor doutor»... Depois, no hotel, no «café», na taberna, no cinema, em toda a parte, enfim, a gente nunca mais deixa de ser doutor. Supõe-se, pois, que basta pôr os pés na cidade universitária para se conseguir um diploma.

Não admira, assim, que ali abundem e pulsem como cogumelos em lamaceiro — que me perdõem os doutores a ousadia da comparação! — os advogados que nunca advogaram, que não têm banca de trabalho e que se dedicam a todos os misteres menos ao de defender Direito... E compreende-se, se atendermos a que o título elevado de doutor colocado num cartão de visita imprime um certo tom, obriga a um tratamento respeitoso, cerimonioso...

Ora entre essa fauna zoológicamente desconhecida — advogados apenas no diploma que, é, por assim dizer, a capa encobridora das suas mazelas morais — o dr. Sancho de Garcia é um símbolo. Negociante da oportunidade, lança mão de todos os meios, bons ou maus, para governar a vidinha, em troca mesmo do prejuízo de segundos.

A sua última façanha revela, absolutamente, a sua moral duvidosa. Narrêmo-la, porém, tal como a apreendemos numa seguríssima fonte de informações:

Um proprietário rural, de um lugar próximo de Coimbra, anunciou a venda de dois pinhais seus. Como aspirante a comprador apresentou-se o dr. Sancho de Garcia, que entre muitas outras coisas mercadeja também com madeiras. O doutor visitou demoradamente os referidos pinhais, examinou-os com cuidado, com vistas de entendido no assunto, calculou o rendimento que eles dariam, e, no final, perguntou o preço: «140 contos, os dois — retorquiu-lhe o vendedor.

— Mas a mim não me convem ficar com os dois... Neste momento não posso dispôr de tanto dinheiro

— E eu não quero vender um sem o outro!... Como o senhor doutor viu, o pinhal A, que é o de maior extensão e intensidade, é que dá todo o valor ao pinhal B, muito mais pequeno e despidido de árvores... Dessa maneira sou obrigado a vendê-los em globo.

— Percebo — respondeu, sorrindo, o dr. S. de G. dando uma leve palmada de amizade nas costas do proprietário rural. — Você o que quer é vender os dois pinhais, não é assim?... Em quanto avalia, então, o pinhal A?

— Vale bem 100 contos!

— Nesse caso, pelo B têm que lhe dar 40

contos!... Você está enganado! Nem o pinhal A vale tanto dinheiro, nem o B vale tão pouco. No entanto, como você pretende receber 140 contos pelos dois, e é o que devem valer, eu proponho-lhe o seguinte: O senhor vende-me o pinhal A, a mim, pelos 40 contos; e eu em troca responsabilizo-me pela venda do pinhal B a um amigo meu, pelos 100 contos... Ahn!?

— Está bem! Como não sou eu que fico prejudicado!... De qualquer das formas recebo o justo valor da fazenda. Aceito.

— Está visto! Você faz o seu negócio e ao mesmo tempo beneficia-me...

Despediram-se. E no dia imediato apareceu em casa do proprietário rural o dr. Sancho de



— Meu caro L..., negócios são negócios!...

Garcia, acompanhado pelo tal amigo que devia ficar com o pinhal B.

Fôram, os três, novamente vêr os pinhais. O amigo do doutor discutiu, analisou, mediu, calculou e acabou por declarar que o pinhal B lhe convinha pelos 100 contos, porque — disse — queria empatar o seu dinheiro em coisas de rendimento.

O dr. S. de G., espertalhão, piscou significativamente o olho para o proprietário que, por sua vez, esfregou as mãos de contente, pensando:

— Que grande mágico me saiu este doutor... e que parvo é o amigo dele...

No dia seguinte, um dos notários de Coimbra registava o respectivo contrato da venda do pinhal A ao doutor Sancho de Garcia. Depois desse acto, os dois negociantes dirigiram-se ao escritório do amigo do doutor, o qual, muito afilto, se lamentou:

— Ora, valha-me Deus! Olhe senhor L., (o senhor L. é o vendedor) surraram-me, à última hora, umas complicações financeiras, de forma que, se você não se importa, dou-lhe hoje o sinal de cinco contos, ficando o paga-



HONNI SOIT QUI MAL Y
PENSE.

mento dos restantes 95 para de aqui a oito dias...

— Pois não, meu caro senhor! — redarguiu L. embolsando o cheque de 5 contos e passando o competente recibo. — A palavra de gente honrada é só uma... Fica então combinado: de aqui a oito dias...

.....
De aí por três dias, L. recebia uma carta do amigo do dr. S. de G., na qual se desobrigava da compra do pinhal B, confessando, porém, que tinha perdido o direito aos cinco contos que havia dado como sinal.

Procurado imediatamente por L., o doutor Sancho de Garcia respondeu-lhe:

— Meu caro L..., negócios são negócios!... Eu não lhe dei 40 contos pelo pinhal A?... O senhor não concordou com o preço?... Eu, pelo menos, tenho um documento do meu amigo, que assim o exprime. Logo portanto não tem de que se queixar contra mim...
— Mas isso é uma grossa patarria! — gritou revoltado o pobre vendedor...

— Proíbe-lhe o difamar! Quando não meto-não a cadeia e exijo-lhe uma indemnização!...

L., o burlado proprietário, reconheceu a sua impotência perante os códigos para castigar a infâmia. E vingou-se contando o negócio a toda a gente sua conhecida.

E aqui está um outro *patin* indiscreto e revelador da maneira simples, mas hábil, como o dr. Sanches de Garcia, geralmente considerado homem de bem, se tornou legítimo proprietário do pinhal A, que valia 100 contos, mas que, devido às suas artes mágicas de burlão emérito, conseguiu adquirir por 45 mil escudos...

A TRAIÇÃO A UM MARIDO QUE RENDE A ÉSTE VINTE CONTOS

O conhecido Marta e Sousa é um sujeito alto, forte, de cara rapada e cabeça erguida com sobranceira, olhando as pessoas e as coisas através de um monóculo petulante e irritante.

Oficialmente exerce a profissão de notário, que é a sua tabuleta à face da lei, o seu modo de vida aparente; mas, de facto, por detrás dessa máscara, no seu escritório montado num segundo andar dum das mais concorridas ruas de Coimbra, concebe e dá realidade aos mais escuros negócios. Alguns dados que o identificam:

Sendo casado, um dia adquiriu a certeza de que sua esposa tinha um amante. Esse amante era rico. O Marta e Sousa, todavia, não se zangou com o facto, pensando até, pelo contrário,

(Conclui na pag. 14)

ante as coisas mais banais e insignificantes

A laboriosa vila alentejana está indignada contra as falcatruas que se praticam na Repartição de Finanças

CHOVEM, torrenciais, na nossa redacção as queixas contra a maneira como o pessoal da Repartição de Finanças de Moura está procedendo para com os contribuintes. Já tivemos ocasião de nos ocupar deste melindroso assunto em um dos nossos números transactos. Reporter X, que pugna pela razão e pelo povo — quando éste tem razão —, gostosamente se fez eco das primeiras queixas. E agora que elas continuam a acumular-se sobre a nossa banca de trabalho, traduzindo o estado de espírito da população daquela laboriosa vila, não podemos deixar de lhes fazer mais esta referência, certos de que ela contribuirá para chamar a atenção das estações oficiais que devem intervir no assunto, defendendo não só os interesses do Estado como os dos contribuintes daquela região e a bôa moral ofendida.

A lista de falcatruas é grande e o-nosso jornal pequeno para se mencionar na sua vasta totalidade. A algumas, pois, que não a tôdas, vamos aludir neste número.

Escobamos uma ao acaso, para principiar: O Sr. António Teotonio Faria é farmacêutico e proprietário de um cinema em Moura. No ano findo a Repartição de Finanças cobrou-lhe de impostos mais de três contos. Ora o sr. Faria é, como toda a gente em Moura, sabedor das immoralidades que se praticam naquela Repartição: não ignora que em matéria de contribuições uns são filhos, outros enteados. Este ano resolveu não se deixar espolar — e protestou. E ameaçou fazer escândalo. Da Repartição mandaram-no chamar, cheios de atenções. Que queria? Mais dinheiro? Não. Queriam apenas participar-lhe, amáveis, que lhe baixavam as contribuições para um conto e tal. Foram razoáveis...

Diz-se: — mas estas negociações não podem ser do conhecimento do chefe da Repartição de Finanças, o sr. Guilherme Alberto de Carvalho Teixeira.

E possível que êle ignore tudo isto, por falta de tempo. O sr. Guilherme Teixeira é um homem cheio de afazeres. Leva uma vida de milagre. Viaja constantemente pelo estrangeiro. Um seu amigo, muito amigo, o sr. Guilherme Antonio de Oliveira, por sinal muito favorecido na cobrança de contribuições, correspondente bancário e negociante de carvão, toma-lhe todo o tempo, com ofertas de almoços, com ofertas de carvão para todo o ano, com passeatas num fiar por Badajoz, Sevilha e outras esmeraldas terras de Espanha. E possível, pois, que o sr. Guilherme Teixeira não tivesse tido ensajo de, entre outras coisas, verificar que o sr. Manuel do Carmo Zorro Raposo, a quem o sr. Cardoso Limpo entregou 1500\$00 para pagamento de uma contribuição relaxada, não devolveu a demasia quando lhe exigiu o Administrador do Concelho, o sr. Antonio José Ximenes de Negreiros. O troco era de 225\$0 e o Zorro dizia que era apenas de 5\$0. Mas isto não tem grande importância.

Importante foi a razão que êste mesmo Zorro, escrivão, fez na freguesia de Amareleja, onde colheu a incansável província de cerca de quatro contos. O Presidente do Município, sr. Dr. Francisco Garcia y Garcia, porém, estragou-lhe o negócio, pois mandou apregoar na dita freguesia que quem tivesse dado dinheiro a Manuel do Carmo Zorro Raposo e quisesse recebê-lo que se apresentasse na Administração do Concelho. Aquil o Zorro teve que devolver cerca de

OS lisboetas costumam chamar saloios e vexar com ditos trocistas as pessoas que passam ante qualquer espectáculo para elas inédito. Efectivamente êsses pobres



provincianos, habituados ao sossêgo sertanejo, que experimentam pela primeira vez o deslumbramento de uma grande cidade, oferecem pela sua attitude de assombro um aspecto ridículo. Mas não podem os habitantes das capitais trocar dessa attitude sem que se lembrem de que lhes pode ser aplicado o velho rípio popular: «... Não vêr a tranca no seu próprio olhos».

Não é só o provinciano ingénuo que pasma ante as coisas mais insignificantes. Por menos razões também o lisboeta dá os seus espectáculos gratuitos de assombro rivitel. Ainda deve estar gravado na memória de todos o tumulto, o acotovelamento de alfacinhas ansiosos por verem passar umas chinesas espertas que, há anos, apareceram a tirar bichinhos dos olhos dos papalvos. Não era constituída por



provincianos essa multidão assombrada... e in trujada.

Quando, há tempos, um grupo feminino de foot-ball nos visitou, a multidão que o foi esperar a game era tanta que não havia forças que a pudessem conter. Tudo porque na imaginação do povo de Lisboa se deveria ter metido

quatro contos que indevidamente cobrara a ingénuos.

Um irmão dêste Zorro — outro Zorro que dá pelo nome de Martinho —, também empregado como aspirante na aludida Repartição, faz o seu negócio no registo de propriedades. As suas proezas são um nunca acabar. Pelas que os outros praticam os leitores calcularão as dêste digno mano do digno Zorro.

Moura está indignada com o que se passa e tem esperança na intervenção rápida de quem de direito neste escândalo sem precedentes naquelas paragens.

a ideia de que as mulheres que jogavam ao foot-ball como os homens deveriam ser tão diferentes das outras mulheres como um mosquito dum elefante. Quando a Ilda Fernandes foi eleita Rainha dos Mercados, durante muitos dias seguidos o número de visitantes da Praça da Figueira aumentou consideravelmente. Os primeiros aeroplanos que voaram sobre Lisboa despertaram uma pasmeira e um alvoroço tão grandes que, em alguns sitios, devido aos grandes grupos que se formaram no meio da rua, chegou a paralisar o trânsito; e hoje mesmo que um avião é a coisa mais banal dêste mundo, não pode um motor entoar a sua canção plangente, lá no alto, que não parem alguns milhares de lisboetas, cá em baixo, a contemplação de boca aberta. Costuma-se dizer, aludindo sempre desprezivelmente à ingenuidade lorp de certos provincianos: «O' paterão olha o balão!» Parafrazeando os lisboetas poderiam os provincianos dizer: «O' alfacinha olha o avião!»

As fotografias que illustam êste comentário



foram tiradas das janelas da nossa redacção, que deitam sobre o Rossio — o coração da capital. Em horas de ocio, o nosso fotografo não teve grande trabalho em apanhar êsses instantâneos flagrantes da pasmeira lisboeta. Por êles se vê que o nosso povo, que se orgulha de pertencer a uma cidade que tem assistido aos mais belos e extraordinários espectáculos da civilização, ainda tem capacidade emotiva para se deslumbrar ante coisas mais insignificantes, como por exemplo a de estacar assombrado para vêr um automóvel em miniatura conduzindo uma criança.

Mas não é só o lisboeta o povo de grande cidade que facilmente se assombra. Em Paris, grande capital onde perpassam como num teatro os espectáculos publicos mais deslumbrantes, basta que uma pessoa se detenha uns

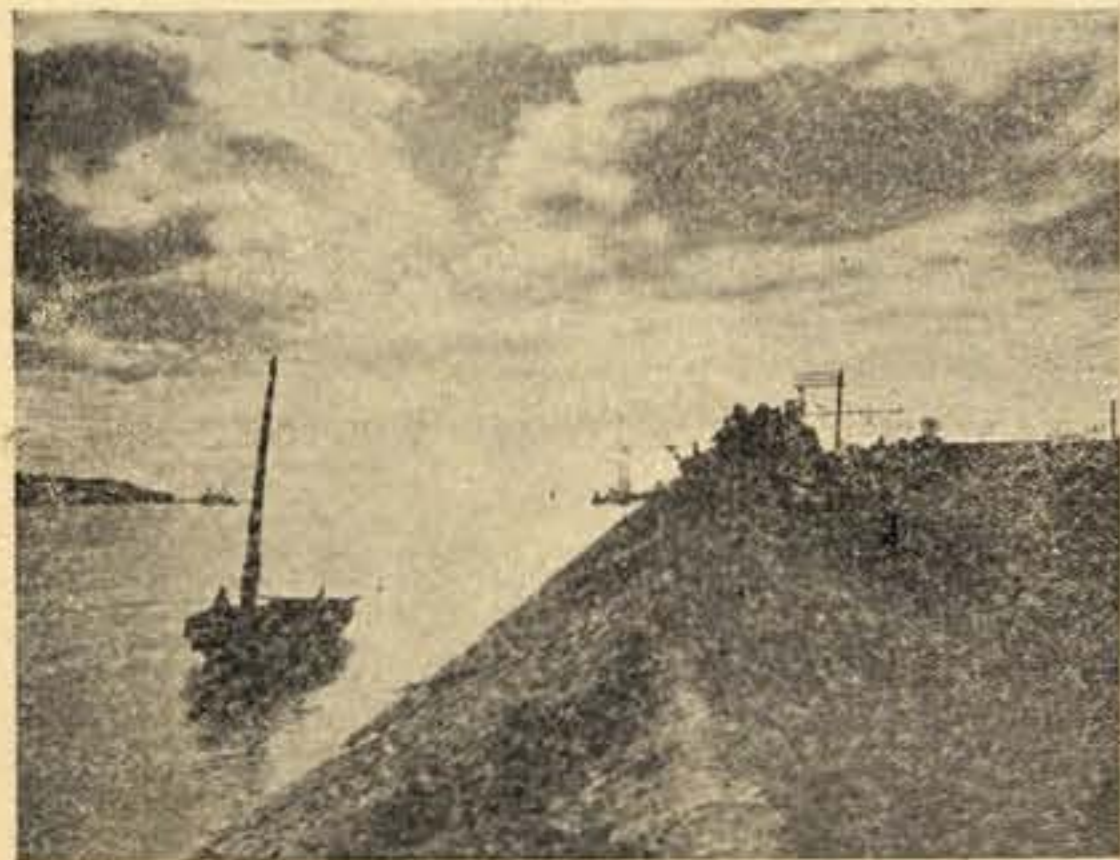


momentos a olhar para o ar para que poucos minutos depois haja uma multidão assombrada de olhos levantados em busca de qualquer coisa que na maior parte dos casos nem chega a existir.

JUNQUEIRA um dos mais pitorescos arredores da velha Lisboa

A Junqueira — O que era e o que é — De onde vem a palavra — A sua origem — Junqueira, juncal e juncalinho — O seu uso há quarenta anos nas aldeias da Estremadura — O progresso matando a tradição — Regressando ao ponto de partida...

«Roteiro Policial da Cidade de Lisboa», por José Sebastião Pacheco, regista pela seguinte forma a Rua da Junqueira: — «os n.ºs 1 a 63 pertencem à freguesia de Alcantara, 4.º bairro administrativo e 7.º bairro fiscal. Os n.ºs 65 a 345 e 138 a 534 pertencem à freguesia de Belem, 4.º bairro administrativo e 7.º bairro fiscal. Começa no fim da Rua Primeiro de Maio, em Santo Amaro, e termina no princi-



A muralha da Junqueira

pio da Calçada da Ajuda e na Praça Afonso de Albuquerque» (5.ª edição, 1928).

O «Roteiro das Ruas de Lisboa e imediações» por Eduardo O. Pereira Queiroz Veloso (3.ª edição, 1875) dizia que a Rua da Junqueira principiava «na Calçada de Santo Amaro, indo da Rua do Calvário, e findava na Praça D. Fernando, freguesia de Santa Maria de Belem, 1 a 226». E acrescentava: — «E' este o sítio mais pitoresco e mais variado dos arredores de Lisboa, nele se admiram os soberbos palácios do Visconde da Junqueira, Alberto Carlos, Marquês da Ribeira, e a bela lameda e Cordoaria».

O «Itinerário Lisbonense ou Directorio Geral» (3.ª edição, 1824) registava apenas: — «começa no principio das Escadas de Santo Amaro, e termina na Praça de Belem.»

Isto basta para demonstrar que a Junqueira, nas suas dimensões, não sofreu alteração alguma no decurso das variadíssimas transformações porque tem passado esta Lisboa ocidental de que nos temos ocupado e continuamos ocupando.

Fixemos ainda que em 1762, no «Mapa de Portugal» de João Baptista de Castro, a páginas 34 do 1.º volume na lista dos Portos do Tejo da parte do Norte, a Junqueira figura em undécimo lugar.

Como se vê, a Junqueira oficial vai até ao principio da Calçada da Ajuda. No entanto, nos bons tempos em que a Junqueira era ainda um deserto, apenas areal e terras de semeadura, e mesmo depois quando se deram inicio ás primeiras edificações, o sítio da Junqueira circunscrevia-se à facha ribeirinha que ia desde as Escadinhas de Santo Amaro até ao Altinho. Daí em diante entrava-se já nos domínios de Belem, que em 1751 apenas possuía o insignificante número de 210 fogos, tendo por orago Santa Maria, próximo já da Barra ou Surgidouro do Rastelo, onde havia uma pequena capela com a invocação de Nossa Senhora do Rastelo, fundada pelo Infante D. Henrique.

Nesse tempo, a facha de terreno junto à mar-

gem do Tejo, que nas proximidades de Alcantara era, como o conheceu Raton, «um sapal inutil», oferecia-se-nos, desde Santo Amaro ao Altinho, um completo juncal, e foi incontestavelmente esta planta herbácea da familia das convolvuláceas que deu ao sítio a sua designação toponímica.

Junqueira ou Juncal. E' o mesmo. Nalguns sítios opta-se pela segunda fórmula. Lembro-me agora de um, perto da minha terra, no concelho de Mafra, junto à Porta Vermelha, fóra dos muros da Real Tapada. Chama-se-lhe o Juncal pela mesma razão de ali proliferarem optimamente os juncos. Mas o país está cheio de Junqueiras. Há-as em todas as provincias de Portugal. Junqueira e Juncal. E não só em Portugal mas também no Brasil. E não só Juncal mas ainda o diminutivo Juncalinho, como se verifica na freguesia de Furnes, concelho de Ponte de Lima. No Estado do Pará há uma ilha, muito abundante desta planta, chamada, por isso, Juncal. Pertence à comarca de Chaves.

Junqueira, juncal, junco. Junco, do latim *juncus*, é, como dissemos, a origem. Esta familia das monocotyledoneas pertence a uma tribo que comporta nada mais nada menos do que uma centena de espécies embora Fr. Domingos Vieira lhe atribua apenas quinze. Mas isso já é com a botânica e não tem nada com as nossas investigações junqueirianas. No entanto, e a título de curiosidade, mencionarei ainda, sobre o junco, um facto, cujo registo se me afigura inédito: o de nalgumas terras da Estremadura ser o junco aproveitado, aqui há quarenta anos, hoje não sei, para cobrir o chão terreo das casas pobres. Observei este uso não só na aldeia do meu concelho, mas também na praia da Ericceira, nas casas humildes dos pescadores. Substituíam com elle as esteiras. O junco absorvia a humidade das casas terreas e tornava-as mais confortáveis. Hoje suponho que já se não usa.

O progresso industrial e comercial trouxe outros usos e costumes e a simplicidade da vida aldeã perdeu muitas das suas antigas características. Por sua vez *juncus* vem de *junco*, *ere* que significa unir, juntar, porque com o junco se teciam e tecem cestos e vasos e cabazes, esteiras e velas de embarcações e se empalham cadeiras que por assimilação chamamos hoje de *palhinha*, e na maioria dos casos já não são de junco ou de junça, sua derivada. E o junco deu ainda *juncar* — cobrir com juncos, que depois se estendeu à acepção de cobrir fôsse com o que fôsse — juncar de flores, chão juncado de cadáveres.

Ao acto de cobrir com folhas e flores,ervas e rosmaninho, em dias de festa, os adros das igrejas e estas mesmo, chama-se uma juncada.

Por aqui já o leitor vê onde iríamos se contínuassemos por este interessante mas despro-

positado caminho. Deixemos portanto o junco e regressemos à Junqueira...

Da Junqueira de D. Denis à Junqueira do foot-ball — Considerações introspectivas ab imo pecore — O que era a Junqueira nos séculos XV e XVI — O primeiro vinculo e o primeiro morgadio — O panorama da Junqueira visto a cinco séculos de distância — Caprichos da água e as exigências do progresso.

Vem de muito longe o sítio da Junqueira. D. Denis, o rei lavrador, doou-o a Dona Urraca Pais, que foi abadesa de mosteiro de D. Denis de Odivelas, até que nos fins do século XVI, principios do século XVII, nos surge o sítio da Junqueira vinculado a Aires de Saldanha, que foi vice-Rei da India, e com este vinculo, pode dizer-se, começa a Junqueira a ter história. E das mais interessantes, cas mais curiosas e das de maior volume da nossa gente se juntarmos no mesmo estudo a trindade inseparavel de Alcantara, Belem e Junqueira. De Alcantara já escrevi alguma coisa do pouco que sei, na minha monografia publicada, pela Imprensa da Universidade, em 1929. Da Junqueira irei escrevendo agora o que me fór possível juntar. Já disse e repito. Artur Lamas, baírrista apaixonado, muito de bom redniú sobre a Junqueira. Dêle me servirei no que houver necessidade. Mas muito mais há que vasculhar, juntar e certificar e isso se irá fazendo conforme Deus fór ser vido. Não tenho tempo para grandes rebuscas, para profundos estudos. A minha vida é dura e áspera e levo as cancelas, ainda por cima, cheias de equimoses. O que custa na vida não é o trabalhar, é aturar os mediocres com seus laivos de bandidos. O caminho da vida está cortado de encruzilhadas e a cada encruzilhada temos que agüentar as fúrias dos malandros que querem trepar por sobre os corpos mutilados das suas vítimas. Falhos de escrúpulos tiranizam,



O velho fortim da Junqueira

malainam, emporcalham a vida dos outros, dos que, como nós, vivemos apenas para o seu ideal. O ideal deles é exclusivamente o triunfo efémero da besta. Não têm espirito, têm estômago e vaidade. Não olham a meios, têm fins. E pisam, e esmagam, e amarguram, com tanto que sábam. As dores dos outros são os degráus

da sua escada. Conheço tantos assim! Tenho sofrido os ímpetos raivosos de tantas alimárias desta força! Essa gente importa-se lá com o passado! Para elles só existe o presente e numa ambição desmedida de que lhes não falte a mesa e a palha no futuro. A' custa de ignomínias? Isso que tem?! Deixemo-los. Para os esquecer e para os desprezar *ab imo pectore*, não há nada como algumas horas de trabalho mental. E neste o doce prazer de investigar não é o menor de todos. Arrancar à bruma poeirenta dos arquivos os magestosos edificios do Passado, as paisagens já desfeitas pelo progresso, os usos e costumes já esquecidos, a vida que foi dos nossos avós e está ligada a nós apenas pelo sentimento regressivo duma saúde que está no mais íntimo do nosso ser, e se transmite através de fios misteriosos de occulto fluido que nem todos sentem, e só os eleitos conseguem dominar, é tarefa que faz esquecer o vilissimo mundo dos vaidosos, dos maus e dos Tartufos com quem, ai de nós!, temos de conviver.

Aquele Antonio de Saldanha que nos veio das bandas de Castela e de quem Neptuno se escondia «no fundo do mar salgado», espanto dos árabes, dos persas, dos rumes e dos malabares, conforme no-lo dá Denis da Cruz e Silva, foi um dos grandes senhores da Junqueira e foi também um dos heroicos capitães que auxiliou Afonso de Albuquerque no sonho glorioso do Império da India. Foi casado com Dona Joana de Mendonça, filha de Aires de Sousa que serviu brilhantemente a Pátria nas guerras de Africa e que em 1523 foi a Roma visitar o Papa Adriano IV.

A Junqueira era então um érmo. Depois da ponte de Alcantara, até fins do século XVII, havia apenas o palácio de João Baptista Rovellaco (confiscado por Felipe I, em 1580) e a Quinta da Ninfa, à direita, e a Quinta do Porto, à esquerda, com sua moradia apalaçada, e defronte o Convento de Nossa Senhora da Quietação (1586), e lá em cima no alto o humilde cenóbio dos 14 freires da Ordem de Cristo, arribados ao Tejo em 1532. Nada mais. O resto, veio muito depois. Conventos e palácios.

De Santo Amaro em diante, havia junto ás escarpas do monte, e entre este e o areal, uma vereda de pé posto, que o trânsito foi alargando até se tornar em caminho espaçoso e trilhavel que já em 1666 dava passagem ás segues que fóram buscar D. Afonso VI e Dona Maria Francisca Isabel de Saboia, para efectuar o desastroso consórcio que a havia de atirar a ela para os abraços possantes do cunhado e a elle para a sala-túmulo do Palácio de Sintra. Por esta ocasião fez-se na praia da Junqueira uma ponte de madeira, primorosa e sólida, e ergueram-se até ao Calvário os arcos do costume para que os régios nubentos sentissem transitóriamente as glórias da Magestade.

Em 1580 bivacaram aqui as desmanteladas tropas do dúbio filho da Pelicana, que depois, acossadas pelas tropas do Duque de Alba, vieram travar os últimos recontros junto à ponte de Alcantara, deixando ali algumas centenas de cadáveres e os restos duma resistência atrabiliária e infeliz.

O panorama devia ser interessante e pitoresco, visto do alto da capela. Logo à entrada o monte era agressivo e abrupto, baixando depois em declive suave para os lados do Altinho onde

voltava a salientar-se em ondulações já mancinhas e accessíveis. Nas abas dos montes, vinhas e olivados. A' beira rio o areal alagadico e amplo, que o Tejo, nas marés altas, cobria quasi por completo.

E à esquerda, por alturas do Calvário, o abrigo da Quinta do Porto onde as embarcações se abrigavam nas tormentas ou fundeavam para embarcar ou desembarcar mercadorias.

Por essa época a Junqueira nem praia tinha. Esta foi-se fazendo mais tarde com o desvio das águas e o trânsito forçado dos que demandavam o Rastelo.

Não se admire ninguém destas transformações que são frequentes à beira Tejo. Lembro-me a propósito de um facto destes ocorrido há poucos anos ainda. Em 1911 morei no Dafundo. O Dafundo fica, como sabem, entre Algés e a Cruz Quebrada. Pois nessa época Algés possuía uma praia enorme onde, no verão, se juntava uma população imensa, ida de Lisboa, a gozar as delicias do Tejo. Por sua vez a Cruz Quebrada quasi não tinha praia. Apenas uma nesga de areia que o rio cobria por completo nas marés cheias. Passaram-se alguns anos, fizeram-se obras na praia de Algés e deu-se esta coisa curiosa que hoje todos podem verificar. Algés ficou quasi sem praia e a Cruz Quebrada encontra-se possuidora de uma das maiores praias da margem direita do rio.

Caprichos da água que, sendo feminina, nem sempre obedece ás ordens do mesmo dono.

Quem diria ao sítio da Junqueira, que, areal deserto e pouco seguro no século XVI, praia de principios nos séculos XVIII e XIX, havia de ser, no século XX, um campo de foot-ball bravo, com avenidas, paredões e linhas ferreas...

Caprichos do Destino e exigências do progresso.

A hospedaria de Jorge Abrey na praia da Junqueira — Almoços, jantares e merendas — Bons tempos! — O que era então o regime alimentar português — Bons copos e bons garfos — Rabujes de «velho»

O que é a vida! Dos homens e das cidades...

Em 1871 ainda no *Diario de Noticias* se anunciavam casas na Junqueira para a época de banhos, e em 1819, conforme se lê na *Gazeta*, havia, junto à praia, a hospedaria de Jorge Abrey, que oferecia aos seus hóspedes «quartos cómodos e asseados para com toda a decência se poderem despir e vestir as pessoas que fórem aos banhos». Nesta hospedaria do Jorge Abrey também se forneciam «almoços, jantares, ou merendas, com todo o asseio e comodidade».

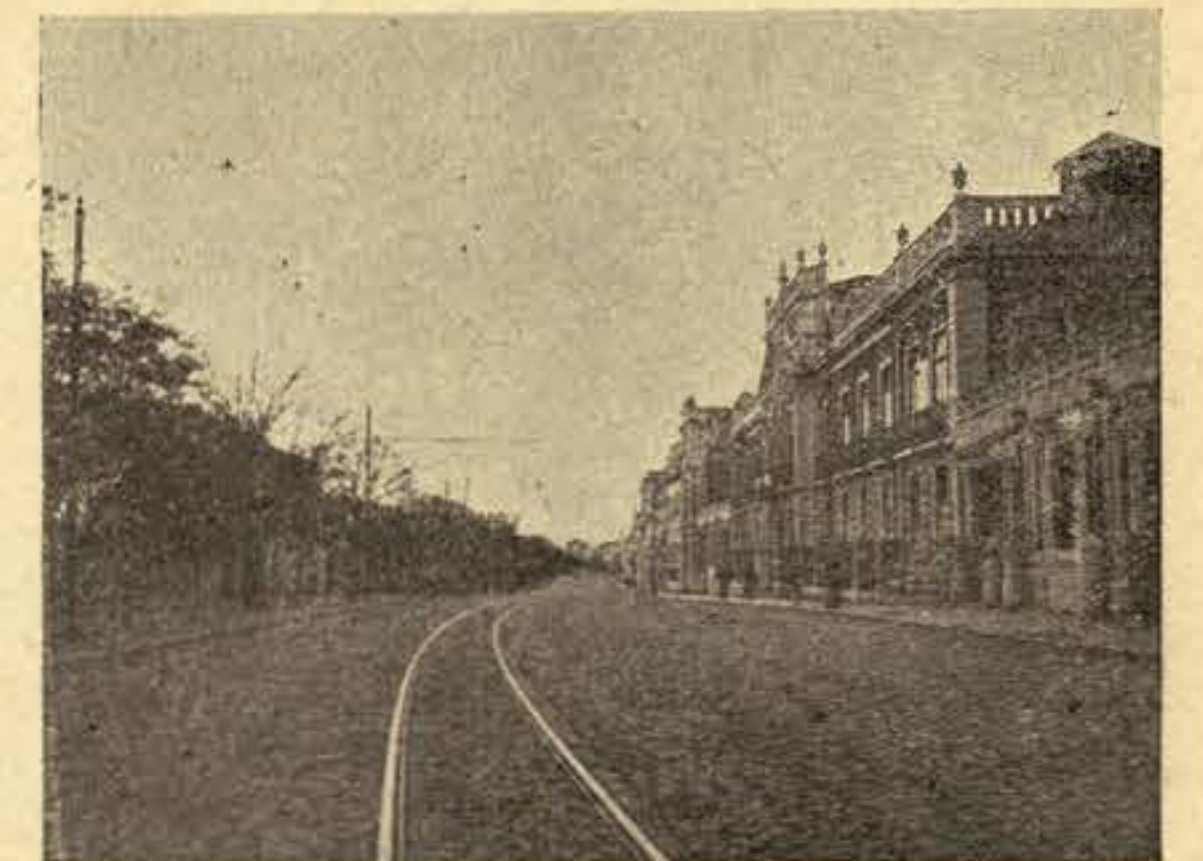
Há que anotar aqui que o regime de alimentação era então muito diferente do que é hoje, quer nas cidades quer no campo e mesmo em Lisboa. O almoço servia-se por volta das oito ou nove horas da manhã, e o jantar nunca ia além das duas horas da tarde, sendo a sua hora própria ao meio dia. A merenda fazia-se geralmente das quatro para as cinco horas e havia mais uma refeição que hoje está substituída pelo jantar moderno — era a ceia

que tinha lugar entre as seis e as sete, no inverno, e as oito e as nove, no verão.

O hábito moderno de fazer apenas almoço e jantar com um pequeno *lunch* intermédio, hoje de uso em quasi todas as nossas cidades e em muitas das nossas vilas, não vai além de trinta anos.

Daqui a hospedaria do Abrey, que ficava na Junqueira, junto à praia, no n.º 7-B., anunciar ainda, como coisa correntia, a indispensavel merenda, tão do agrado das nossas avós.

Escusado será afirmar que há cem anos se comia mais do que se come hoje e há duzentos anos muito mais do que já se comia há cem. Tenho uma razoavel colleção de livros de cozinha desde os principios do século XVII até hoje, e nesses velhos tratados de mesa é fácil encontrar ementas para almoços e jantares com trinta e quarenta variedades de pratos, coisa que no nosso tempo já se não faz bem ideia do



A Junqueira de hoje

que fôsse, embora, em certos ágapes, nas nossas provincias, ainda hoje seja relativamente vulgar banquetes com quinze e vinte pratos.

E havia «bons garfos e bons copos». Recordo-me agora que no banquete a que assisti no Ribatejo, aí por 1915, salvo érro, em casa de Palha Blanco, depois do décimo quinto prato, surgiu na sala, sob enramalhada padiola, com seus varinos a preceito, uma vitela inteira, assada no espeto. E lembro-me também que já ninguém teve coragem para entrar com ella, à excepção do José Palha Blanco e do Francisco Cruz, que lhe fizeram as honras como bons e autênticos portugueses de outros tempos...

A respeito de «bons garfos e bons copos» recordo-me do «comilão de Almada», um larvado a quem uma vez vi comer, numa casa de Pasto em Alcantara, um quilo de bacalhau, um quilo de batatas, meio quilo de cebolas, duas dúzias de ovos cozidos, meio quilo de azeitonas e dois piés de quilo, tudo isto regado com cinco litros de vinho tinto. Em cima um café e um decilitro de aguardente. Foi por aposta. O bruto não rebuttonou, comeu o almoço de graça e ainda ganhou cinquenta mil réis!

Que insondavel abismo estomacal possuía este animal!

E fez isto várias vezes e ainda em maior escala, até que um dia a elasticidade daquelle pavoroso reservatório não deu mais e estourou.

Foi célebre há trinta anos este «comilão de Almada», cujo nome me não recorda agora.

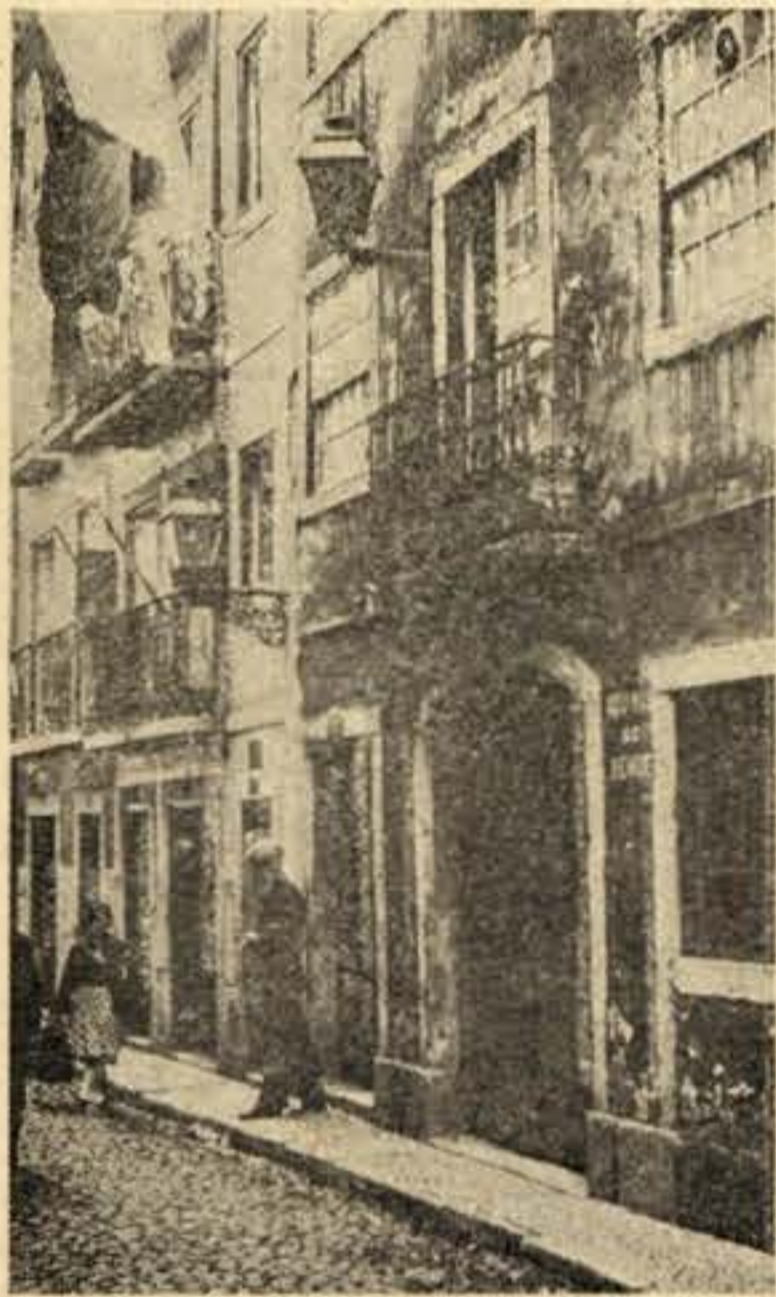
Outros «garfos» tenho conhecido e de respeito. Na minha terra havia, quando eu era rapaz, e ainda vive, um ajudante de notário, que era um magrizes insaciavel. Comia por quatro ou cinco, como se estivesse enchendo um sacco sem fundo. Outro «garfo» do meu tempo e da minha geração era o meu querido camarada e amigo o jornalista Ferreira Martins, que foi consul para a America e por lá ficou, ao tira-

(Conclui na pag. 15)

EM PLENA MOURARIA

MOURARIA!!!... Mouraria!!!... Aqui há alguns anos atrás ainda a Mouraria era declaradamente um bairro tenebroso de Lisboa — uma viscerosa infecta, pícara, ruim, localizada mesmo no coração da cidade: — a Baixa. Então tornava-se temerário atravessar de noite aquelas ruelas tortuosas e estreitas, onde a cadência morrinhenta do fado, entoado por avinhadas gargantas, nos contava histórias de tristes destinos, e as fúteis questões debuxadas às mesas das tascas sórdidas redundavam em rija pancadaria cuja arbitragem pertencia à navalha — estranhos e sangrentos duelos que as trévas sinistras da noite testemunhavam e apadrinhavam...

Era ali, no tradicional bairro da frandulagem suspeita que, sobre a madrugada protectora, se combinavam e praticavam os mais sensacionais



A casa da Rua dos Alamos onde o nosso redactor, que se vê a sair da porta foi encontrar um hotel da «corda»

crimes; e os «rufias» golpeavam de surpresa audaciosos assaltos, aguardando as vítimas no sombreado das esquinas cúmplices...

Mouraria!!! Que de evocações nos não traz este simples vocabulário!...

E, no entanto, a Mouraria de hoje não é menos perigosa do que a Mouraria de ontem. Mudou somente o aspecto, a superfície, o cenário... mas no fundo, lá bem no fundo, nos bastidores mágicos do seu tablado, é sempre a mesma, sempre igual, oferecendo os mesmos perigos, a mesma vida de crápula, traições, crime, vício... Simplesmente, ontem era franca, porque se mostrava em toda a sua hediondez, fazendo orgulhosamente ostendar das chagas cancerosas que lhe davam vida, como alguns reptis que vivem em lameiros, enquanto que hoje, com um falso verniz de progresso e civilização, é hipócrita, velhaca, cínica, tentando esconder os membros podres e semelhando baixa rameira que para nos iludir enverga seias e ostenta luxos...

Agora, como outrora — nesse tempo longínquo em que fidalgos de mórbida sensibilidade se embebedavam na quentura do seio bronzeado de certa cigana —, a Mouraria é o bairro de sempre, em que há lama, podridão, misérias,

Uma reportagem entre os "rufias" de Lisboa

dramas, desgraças — numa legenda de ignomínia marcada pelo ferrête da tradição...

UMA FIGURA TÍPICA DA MOURARIA

A Mouraria foi o primeiro bairro que visitei no seu *bas-fond* inquieto, embrenhando-me pelos seus *ghettos* imundos e missérrimos, cujo ambiente asqueroso vivi incarnando a figura dum «foragido à polícia» por ter dado um sôco na *gaveta do casaca*...

Na *Taberna do Diogo*, na antiga Rua dos Canos — uma dos antros mais mal afamados —, relaciono-me, à força de vinho tinto, com alguns temíveis homens do bairro. Um destes, que no cadastro do sítio é conhecido por *Camôcho*, torna-se meu *amigo*, meu confidente, meu companheiro nesses dois dias de convivência forçada. Tem quasi quarenta anos. Antigamente, já há muito tempo, parece que foi marítimo, embarcado ou coisa que o valha... Depois passou a ser simplesmente... vadio porque lhe dá mais lucro, segundo me confessou. Este *Camôcho* é um verdadeiro símbolo dos homens da Mouraria. A sua cara, todo o seu tipo, é o de um autêntico «rufião», e o seu cérebro — creio eu — deve ter capacidade para todas as infâmias.

É muito falador. A propósito de qualquer coisa é um desfiar de antigas aventuras segundo as quais ele sosinho, nos seus tempos de rapaz, evacuava à navalhada célebres tabernas bem afreguesadas pelos mais valentes homens de então... Hoje está pacato, passou à reserva — explica-me sorrindo — e vive amancebado com uma «rapariga da vida» a quem trata por «minha bicicleta» e da qual, a acreditar no que dizem os companheiros, recebe os magros cobres que ela arranca aos sedentos de amor profano.

É de noite! Ciceronado pelo *Camôcho*, vou percorrendo todas as baiucas fumacentas do sítio. Atravesso vielas estranguladas por prédios esguios e porcos, em cujas janelas drapejam roupas de cores perdidas a enxugar ao vento. Pelas ruas vêm-se gatos preguiçosos e famélicos a contos com espinhas de peixe e misturados com montes de lixo. De momento a momento e dentro da hora legal ouvem-se cantos assurdinados em grafonolas rouquenhas... trinado gemebundos de guitarras melancólicas.

O meu companheiro é popular! Na Rua do Capelão, pelas arcarias de ignóbeis lupanares, chupando, provocadoras, cigarros magriças de tabaco horrível, há mulheres que o saudam, que o chamam com interesse: — «Bô noite, *Camôcho*... Então não entras um pedaço?»

Passamos adiante. Num logarzinho em declive, grupos de rapazes entre os 12 e os 16 anos, na forte atracção do vício, jogam entusiasmadamente «à pedida», a dinheiro, sentados no leito do largo e farolizados pela luz dum candieiro público — e engalfinham-se, por vezes, se notam que qualquer companheiro faz batota... São os malandros de amanhã que já hoje fazem luxo em desembolsar a navalha cobarde...

Entramos numa taberna de paredes tisanadas e algazarra ensurdecidora. Quasi sufoco com a atmosfera carregada de fumo de tabaco e cheiro esquisito.

Tem um «vinhão»!... — assegura-me o meu companheiro na volúpia de forte entendedor, enquanto convida diversos amigos para beber, pagando eu, é claro...

UMA ENFIADA DE ALCUNHAS

Tenho então ensejo de conhecer várias personagens célebres nos anais da polícia. Abun-

Um redactor do «Reporter X» consegue viver durante duas semanas nos «bas-fonds» da capital, lidando comente suspeita dos bairros mal afamados

dam os desordeiros e os *souteneurs*... Alguns conheço-os de nome, por tanta vez os ter lido na secção de ruas dos periódicos citadinos: O «Zé Marujo», de rôsto facinoroso e corpo de Hercules e especializado em proporcionar a fuga dos companheiros que vão presos a caminho da esquadra próxima. É odiado pelos *macacos* (policías) e querido dos camaradas. O



Num logarzinho, em declive, um grupo de garotos joga «à pedida», a dinheiro. De pé, Americo Faria observa o seu entusiasmo

«Espanhol Fadista» é a perfeita antítese do outro: franzino, delicado, atraente, dá-se ao prazer de coleccionar amores, amores baratos das mulheres da viela... Nunca trabalhou e gasta à farta, relativamente aos seus companheiros. O «Mulato» é um outro matulão, de fato de ganga azul, já muito usado, e olhares reccosos... Parece que é um autêntico primor a tocar e a cantar o fadinho... Paródia em que se retina a gente do sítio mete sempre o «Mulato», como elemento indispensável... Chamam-lhe o «Mulato» apesar de ser branco, apenas por viver com a conhecida gatuna-sovaqueira «Mulata» — agora a contas com a justiça por uns furtos recentes nos Armazens Grãndela...

É um nunca acabar, uma série infindável de tipos, de alcunhas, de psicologias, neste refugio da humanidade: O «Maloi», o Chanato», o «Bate-as-asas», e outros, e tantos outros

Porém, o *clou* daquela sociedade estranha, o menino bonito das mulheres e o orgulho dos homens, está num rapaz alto, elegante, simpático, a quem tratam por «Lindinho»... Tem, talvez, 23 anos e mostra já na cara, altivamente, uma enorme cicatriz, herança de alguma rixa ou recordação da polícia... Fala com desembaraço a linguagem chã do «meio» e usa uns gestos curiosos e acanalhados, interessantes de

observar. Informaram-me que há uma «senhora da alta» que se intessa muito por ele e que ás vezes o vai arrancar à taberna, levando-o para casa dela, onde o retém muitos dias; mas é de volta de novo ao sítio, e sempre de algibeiras recheadas... Até que ela o torna a procurar e o leva consigo...

A INFELICIDADE DA FELICIDADE — A FILOSOFIA DE UMA MEGERA

É madrugada já. Duas horas, numa torre distante. É a hora dos vadios, dos gatunos, dos «rufias», dos *maquereaux*, das rameiras, dos desordeiros — negras almas que vivem num mundo negro, à margem da restante humanidade, refugiados nas trévas da noite. É essa a hora em que despertam para o vício sinistras figuras que são grilhetas da dor.

Pelas ruas escóam-se sombras fugidias. Cleopatras de chale e lenço vagueando errantes por escuros caminhos — presas eternas da sífilis devastadora e da tuberculose imperdoável... E há sempre vultos alcoolicos que as seguem enfebrezidos, arrastados pelo ar gingão e afadistado que só elas sabem imprimir aos bustos provocantes... De certas portas esgueiram-se novas silhuetas que se afastam lesta, esfumando-se, em breve, na escuridão das ruas...

Quedo-me por momentos a olhar uma rapariguinha que passa também no lameiro — uma rapariguinha de sonho, loira e delgada... Chama-se Felicidade — deve ser ironia do destino. Tem somente 17 anos, 17 anos que são 17 invernos mas que podiam ser primaveras. Já tem a sua história triste e negra a estigmatizar-lhe a vida curta — uma história como a de tantas outras suas companheiras de infortúnio. Contam-me que nasceu noutro meio social, que teve princípios... E eu acredito — pois se ela é tão delicada ainda, tão verde naquêlo doloroso modo de vida... Foi o amor que a arrojou para o enxurro. É filha de gente abastada — disse-me soluçando quando a interroguei sobre o assunto.

Seu pai é um conhecido comerciante da Rua do Ouro, onde tem um luxuoso estabelecimento de roupas brancas... Vive aparentemente resignada com o seu brutal destino, sem força moral para se arrancar a ele...

Afasto-me, subjugado por imensa pena daquela desventurada que se estiola no lodaçal

Volto uma esquina, e, num ângulo do Largo Silva e Albuquerque, surpreendo-me um ajuntamento. Aproximo-me com curiosidade. Um grupo de pessoas rodeia uma leiloeira barata do amor pagão. Sangra abundantemente do semblante macerado, de arrepiante magreza...

— Foi o malandro do amante que lhe bateu — informa-me uma outra mulher. — Quería dinheiro, o canalha... e como a rapariga ainda hoje não ganhou nada

É uma velha, de aspecto repelente, comenta em voz rouquenha:

— E para que se dão vocês ao luxo de ter homens?... Cambada de parvas... Eles, em troca do nosso dinheiro, só nos sabem dar pancada... Olhem, a única herança que me ficou do meu foí esta... (E mostra um rasgão horrível que lhe retalha a face da orelha à boca desdentada). Mandai-os bugiar... São todos uns grandíssimos *chulos*...

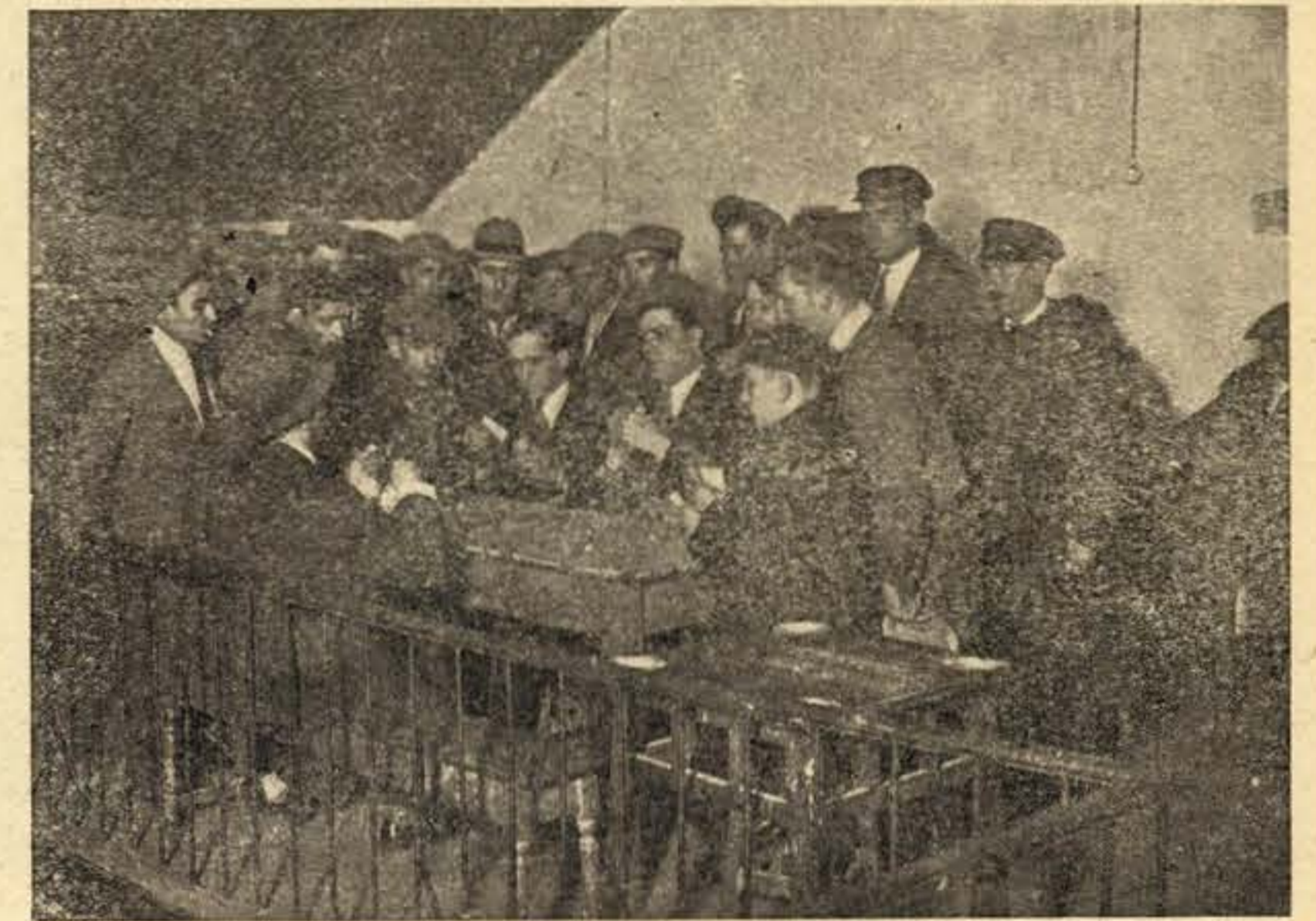
Subitamente surge um «cívico» — o gentio dispersa-se como por encanto...

UM TIPO DE GATUNA DE FORASTEIROS

Na «Adega Sol de Maio», na Rua dos Alamos, encontro uma outra velha que arrota constantemente obscenidades sublinhadas por sorrisos medonhos. É um frangalho da vida, dum vida sórdida de lupanar — pobre caricatura ignóbil e infame, arraiando vadiagem e miséria... Pago-lhe aguadamente; olha-me com simpatia. E querendo ser amavel, ao falar bafora-me o rosto em haustos nauseantes.

É certo que hoje arrasta uma existência de vagabunda; mas já foi figura marcante da «confraria» aquela veterana da desgraça, aquela rainha decadente do vício.

Trata-se da famosa «Ilhôa» — a mais audaciosa «forasteira» dos últimos tempos. Foi, noutros tempos, a companheira querida dum outro herói do crime, o célebre «Trailheira».



Uma renhida partida de batota na tasca do «Salão», na Rua da Mouraria, vendo-se o nosso redactor entre os jogadores

Enquanto saboreia a bebida, em pequenos goles, evoca pormenores do seu passado aventuroso, casquinhando risadas dolorosas, possuídas de ironia anavallhada. A sua especialidade era exercida sobre pacatos e desprevenidos provincianos. Por activo campo de manobras tinha as estações do Rossio e do Terreiro do Paço, deitando a isca do seu olhar assevajado e líbrico a broncos pacóvios... Depois, um pequeno descuido deles, e ei-la a escamotear-lhes com limpeza as recheadas carteiras ou a surripiar-lhes as grossas cadeias de ouro... Havia ocasiões em que se enganava com o peixe que lhe mordida o anzol; quando julgava que era um alentejano e no fim saía um agente da polícia, disfarçado, que a «engavetava»...

Dos cinquenta anos que conta agora, vinte fôram passados na cadeia — e no entanto diz-se feliz... Contanto que lhe dêem aguadamente — o seu derradeiro vício... Fala com saúde de ou-

tras consagradas do crime, fazendo desfilar perante a minha memória as figuras da *Mica Gouveia*, da *Maria do Porto*, da *Adelia da Jacada*, da *Guida Pinjuba*... — um extenso regimento de ladras e boémias que há alguns anos decorridos eram ainda o terror dos plácidos burgueses de Lisboa... Muitos destes não-de recordar-se, com vergonha, daquela casa do Largo da Guia, mesmo por cima da estalagem da Guia, e que ocupa todo o prédio cinzento e soturno onde se lê: «Albergue para pernoitar», que foi o último reduto de operações das afamadas forasteiras...

Como um caminheiro inquieto, miseravel, procuro agora uma hospedaria para pernoitar — para desvendar como se dorme na Mouraria. E propositadamente recorro à mais repugnante de todas: uma casa da Rua dos Alamos, de aparência emporcalhada e sinistra — pardieiro velho e gasto, de escadas íngremes, bafientas, carcomidas, gemendo a sua velhice a cada passo nosso.

«Casa para pernoitar» — berram-nos os dizeres pretos gravados nos vidros fôscos da lanterna típica, a petróleo ainda, encimando o portal iluminado, num grotesco plágio dos anúncios luminosos da Baixa. São casas de maltesia, valha-coito de cadastrados e espeluncas perigosas onde os mais parasitários vermes abundam...

Uma mulher ensonada, de cara de bruxa e de grenhas caídas, guia-me através do xadrez dos corredores que labirintam a casa. Por toda a parte distinguo portas atarracadas, tabiques de jornais e serapilheiras pincladas a côr duvido-

sa, donde se escapam roncos estridentes, assobiantes, de dorminhocos incomodativos.

É simplesmente abjecto. Atravesso uma sala enorme, atravancada por enxergas inconcebíveis, nos quais repousam em aterradora promiscuidade homens, mulheres e duas crianças. A atmosfera pesa, oprime, sufoca. E o cheiro horroroso do suor humano e dos dejectos causa-me náuseas e tonturas de cabeça. Uma peste!

— Aqui custa quatro escudos! — informa-me a megera. E ao meu gesto negativo, acrescenta: — Mas também tenho para vinte e cinco tostões... Agarra outra vez na palmatória da vela, que produz jogos fantásticos de claro-escuro em redor — e precede-me em nova deslocação.

Parámos numa outra sala, semelhante à primeira. Aqui o espectáculo que se me depara é horrível — feroz chibata que me vergasta violentamente...

(Conclui na pag. 14)

Mistérios do

SOB as iniciais que assinam este artigo oculta-se um dos mais notáveis jornalistas brasileiros que, empolgado pela assídua leitura do nosso semanário, espontaneamente se propôs enviar-nos de quando em quando algumas reportagens sensacionais dos acontecimentos mais importantes do Rio de Janeiro.

A grande capital brasileira interessa-nos, a nós, portugueses, por inúmeras razões, de entre as quais avulta a de nela residirem muitos milhares de portugueses que, pelo seu trabalho, muito contribuíram para a transformar em uma das mais formosas e importantes cidades do mundo.

Com uma população cosmopolita enorme, o Rio de Janeiro, como Paris, Buenos Aires, ou Londres, fornece constantemente assuntos para reportagens variadas e intensas, plenas de imprevisto e de mistério. Rio de Janeiro, mais do que uma reportagem sensacional, é um livro de reportagens intensíssimas que, através da primeira que Reporter X hoje publica, os leitores portugueses vão começar a folhear.

Os mistérios do Rio de Janeiro são mistérios a valer que o nosso modesto, porém talentoso colaborador vai principiar a desvendar para deleite do público guloso de tomar contacto com os grandes centros de civilização.

COPACABANA criou no Brasil essa geração que lá está — de raparigas formosas e rapazes vigorosos, porque, sendo uma praia fascinante, atraiu a mocidade. Atraiu e foi nutrido, fortificando, robustecendo — com a grande dosagem de iodo das suas ondas, que são também pesadas de sal, sem falar no oxigénio das montanhas que lhe fazem a orla. Foi nutrido, foi fortificando, foi robustecendo e, para dar uma cor mais apetitosa, foi tostado...

Por isso, são ali abundantes as mulheres que falam aos sentidos masculinos. E não faltam tipos de homens jovens capazes de agradar a... uma mulher de bom gosto.

Pois foi para esse lugar perigoso que o capitalista Ramiro de Castro achou que devia ir residir com a amiga que trouxera da França — uma «gosse» de andar de pluma e 19 anos. Ele tinha 45.

Logo no primeiro dia, quando Giselle Boissy foi até ao portão vê-lo «Cord» de Ramiro sumir-se na direcção do Leme, em demanda dos negócios do Centro, demorou-se dois minutos a mais porque, naquele momento, passava de calção muito curto, camisa muito decotada, Fernando Pais Teles.

Nesse dia, Giselle fez um paralelo apenas entre o seu capitalista, pesado, e aquele rapaz bem barbeado, bem penteado, com a sua cintura fina, o peito amplo, os ombros largos, musculoso — mas «souple» no seu andar de ritmo enérgico...

Quanto ao paralelo entre a conversa excessivamente económica de Ramiro — que só lhe falava de negócios, de hipotecas, de géneros alimentícios — e a palestra estouvada de Fernando, Giselle só começou a fazê-lo dois dias depois quando conversavam pela primeira vez, sentados na areia morna da praia... Fernando falava-lhe na inteligência dos perfumes, era dançarino, estudava religiões comparadas — e conhecia o amor «maquereau».

A mudança de Giselle da residência sumptuosa do capitalista Ramiro para o quartinho da pensão de Fernando foi de aí a seis dias. Ela, que já tinha visitado quatro vezes o aposento, acomodou-se bem ali e pôs a gronofona a tocar:

*«Vous êtes, pour moi, plus enchanteur
Depuis le jour où dans mon cœur
Vous avez créé un nouveau bonheur!»*



Giselle notou que Fernando transbordava... de calor...

dêle de colaboração — e achou que não estava certo!

O doutor Lupcinio Sintra, que estava em casa de Ramiro, na ocasião, foi consultado sobre o assunto da missiva. O dr. Lupcinio Sintra não era, unicamente, o médico de confiança do capitalista, a quem estava a administrar um tratamento íntimo, uma série de injeções restauradoras, rejuvenescedoras: injeções de cantáridas... O doutor Lupcinio Sintra era, igualmente, o amigo de confiança do capitalista... Conhecia, senão todos, pelo menos certos segredos do capitalista. Consultado, o doutor Lupcinio Sintra pôs-se a pensar e — para pensar bem — tomou mais um gole da excelente cachaça pernambucana que tanto apreciava... Eram muito amigos — o doutor e o capitalista. A amizade dos dois originara-se, segundo se murmurava, nos injustificáveis ataques sofridos pelos dois por ocasião da morte de um vago fazendeiro do Espírito Santo. O fazendeiro tinha negócios com o capitalista Ramiro; o doutor Lupcinio, que era

o médico do espírito-santense, convenceu-o de que era preciso operá-lo. A operação era de apêndice e o enterro do fazendeiro, dois dias depois, era feito, com os detalhes mais carinhosos, pelo capitalista Ramiro: carro fúnebre de luxo, muitas flores... Houve quem dissesse que o homem fôra assassinado, e não operado... Produzido o escândalo, feita a exumação e a autópsia, constatou-se que o defunto não tivera nenhuma apêndice. Mas o doutor protestou. Provou afinal, cientificamente, a sua inocência... É certo que a morte do fazendeiro favorecia, de certo modo, os negócios do capitalista Ramiro... Dizia-se que... Ora, diz-se tanta coisa! O doutor Lupcinio Sintra, consultado sobre o caso Giselle-Fernando, continuou a pensar e — para pensar melhor — bebeu mais um copinho da excelente cachaça pernambucana — que ele apreciava muito.

Não foi preciso demasiado tempo ao doutor para que pudesse dizer, vitoriosamente calmo, ao capitalista:

— Achei...
Que é que ele tinha achado? Ele segurava na mão a seringa de injeções, segurava-a entre dois dedos, como quem segura uma pitada. Seria a seringa? Não, não era a seringa... O doutor Lupcinio Sintra tinha achado a solução para o caso Giselle-Fernando e fazia Ramiro de Castro sorrir. Sorriso tenebroso...

A HORA DA INJEÇÃO —A CACHAÇA DO DOUTOR—A INTERVENÇÃO DE UM TATUADO

Quando o doutor Lupcinio Sintra, no dia seguinte, saía do laboratório contíguo ao anfiteatro de anatomia da Faculdade de Medicina, levava consigo um pequeno embrulho esguio. O embrulho de uma piteira, dir-se-ia...

Quando o doutor Lupcinio Sintra chegou a Copacabana, ao «villino» da Avenida Atlântica, a fim de fazer o tratamento costumeiro no seu amigo Ramiro, o creado Augusto Meira informou que o patrão não tardaria a chegar, e que telefonara do escritório dizendo que o doutor Lupcinio esperasse para almocar com ele. Para adiantar expediente, o creado Augusto já fervera a agulha e já enchera a seringa de vidro com o conteúdo da ampola, deixando tudo preparado ali em cima da mesa.

— É preciso que não tarde o teu patrão! Às 13 horas vem aqui uma pessoa para tratar de assunto importante...

O doutor dizia isso enquanto ia desarrolhando a garrafa de cachaça — a excelente cachaça pernambucana que ele apreciava muito... Tomou meio copo. Ah! Lembrava-se de uma coisa... Abriu o embrulho da piteira... Não era uma piteira... Era uma seringa vazia e uma ampola comprida, cheia... Encheu a seringa, esvaziando a ampola.

Rio de Janeiro

encontro na famosa praia de Copacabana — Episódios que davam
apreciava — Uma vingança original — Ciúme, Tétano & Cantáridas

— Deita isto no lixo, Augusto... Mas muito cuidado, para não quebrar!

— Que mal faz, senhor doutor? Isto já não presta — ampola vazia...

— E... Mas não pegues assim... Olha, dá-me isto... Deixa-me, que eu mesmo sei onde deito fóra... Caquinhos de vidro... Caquinhos de vidro são o diabo, às vezes...

— Ora essa, senhor doutor...

O doutor foi lá dentro, deitar fóra a ampola vazia, deixando descansar a seringa recém-cheia num canto da mesa. O creado quis examinar a seringa nova. Pegou-a, mirou-a... Era como a outra... Até os líquidos contidos eram da mesma cor... Exactamente? Pegou também na outra. Juntou as duas paralelamente... Eram, sim...

— Mas a campainha da rua retiniu. O creado Augusto foi atender, correndo, deixando, antes, uma agulha na mesa. Voltou, à pressa, do meio do salão porque — ó diabo! — distraidamente fá atender à porta com a outra seringa na mão... Pousou-a também sobre a mesa...

Quando o doutor Lupcinio Sintra voltou ao salão, encontrou as seringas sobre a mesa, mais ou menos no mesmo lugar... Mais ou menos...

O creado veio dizer que estava lá fóra o sr. Paulo Carvalho, que queria falar com o patrão, ou com o senhor doutor...

— Manda entrar...

O sr. Carvalho entrou. Baixo, anguloso, um traço oblíquo na face esquerda. Estendeu a mão ao doutor. Entre o polegar e o index, em tinta verde, cinco pontos, dispostos como um «five» de dados. Era um tatuado...

Deviam ser muito íntimos, ele e o doutor, porque ficaram a cochichar ao som dos copos de cachaça — «tim-tim» —, ao som dos copos da excelente cachaça pernambucana que o doutor muito apreciava...

— Ele não deve tardar, esclarecia o médico...

— E... É bom que não tarde, porque eu conheço bem o rapaz: se não fôr à hora do almoço no Restaurante Reis, o dia de hoje é perdido porque, depois, ele desaparece e só é visto no Casino Beira Mar. E eu — por dinheiro nenhum! — farei uma coisa destas na Beira Mar Casino...

— Sim, o lugar é impróprio: há escadarias, há polícias à porta, há o diabo... Mas... olha: aí está o homem!

— Bôa tarde! Esperaram muito?

— Ramiro amigo, este é que é o Paulo Carvalho... O Paulito Carvalho, ou melhor o Paulo Carvalhinho.

— Pois sim... E... está disposto?

— São cinco contos agora e cinco contos amanhã, se eu encontrar o rapaz agora... O doutor Sintra já me explicou tudo ontem...

— Se encontrar o sr. Fernando Pais Teles agora e... se conseguir que a agulha entre bem!

— Não creio que ele esteja de sobretudo...

UM RESTAURANTE MOVIMENTADO—UMA PICADA TRAIÇOERA—UM LOUCO QUE FUGE

Quando Paulo Carvalho, ou, melhor, Paulo Carvalhinho, saltou na Avenida Rio Branco, esquina de Almirante Barroso, viu que estava de sorte: Fernando Pais Teles entrava, naquele momento, no Restaurante Reis. Paulito também entrou. Acoteveleu-se com a chusma

de fregueses que ali esperam de pé, uma mesa, uma vaga numa mesa daquele popular restaurante, do mais popular dos restaurantes cariocas. Paulito Carvalho levava as mãos nos bolsos, afagando, com uma delas, um maço de notas, os cinco contos da primeira prestação; com a



O dr. Lupcinio Sintra

outra, Paulo Carvalhinho segurava a seringa... Segurava a seringa que lhe fôra entregue, entre dois golos de cachaça, pelo doutor Lupcinio Sintra... Estava agora roçando em Fernando Pais Teles... O «gigolô» da francezinha que abandonara o capitalista Ramiro de Castro, ali estava... E no dia seguinte, lá estariam, no «villino» de Copacabana, os outros cinco contos de reis...

Um movimento brusco de braço... Um esbarão... Dois dedos que seguram a seringa e um dedo que lhe aperta a bombinha. Um pequeno grito: «Oh!»... Confusão... Um homem que corre: Paulo Carvalho, ou Paulo Carvalhinho... Um «omnibus» tomado em movimento, a passagem para um «taxi», a pista do misterioso injector perdida...

Fernando Pais Teles, entretanto, recobrou logo a calma: — «É um louco! Não o conhecem vocês? Eu nem o vi direito! Ora essa... Sim um pouco de álcool para passar aqui no braço é bom... Obrigada...

O «garçon», o Albino, trouxe a ementa... Fernando Pais Teles, que tinha sempre bom apetite, sentia a nostalgia da feijoada... Comeu como um senador...

Quando, pela madrugada, Giselle e Fernando se recolheram ao quarto, ela notou que o rapaz, naturalmente carinhoso e cheio de calor, estava sobrenaturalmente carinhoso e transbordava de... calor... De onde vinha tal calor inexplicável?

E a francezinha, que, no sol da praia, já estava ficando cor de iodo, cor de Josephine Baker, teve que ser, também, tropical no amor, para corresponder aos «32 à sombra» de Fernando Pais Teles...

E, no anseio dos abraços insofridos, ela nem prestou a devida atenção aos pormenores com que o rapaz narra o imbecil inócuo que lhe enterrara no braço uma agulha de injeção...

UMA SURPRESA PARA O TATUADO—A CAMARA ARDENTE—O AJUSTE DE CONTAS

Quando, na manhã seguinte, Paulito Carvalho pôs o pé no limiar do «villino» de Ramiro de Castro, a fim de ser pago dos cinco contos restantes do seu «trabalho», não percebeu, de chofre, porque é que havia, acesas, no primeiro andar, as velas que ele divisava do portão de entrada. Mas não ficou muito tempo sem a explicação: um investigador da «Quarta Auxiliária» (Secção de Vigilâncias e Capturas) filiou-o pela gola e levou-o até ao interior.

— É este?

— É este, — sim, informou o creado Augusto Meira, que também tinha recebido voz de prisão...

Na «Central de Polícia» já estava, com todas as suas malas, o dr. Lupcinio Sintra — que fôra detido quando pretendia tomar o comboio para S. Paulo.

A sala principal do «villino», que fôra transformada em câmara ardente por membros da família Castro, que haviam accorrido, não ficou muito tempo ocupada: o cadáver do capitalista Ramiro foi logo removido, por ordem das autoridades, para o Necrotério Policial. Na Morgue, a autópsia confirmou o primeiro exame, feito pelo médico da ambulância que fôra chamada, na véspera, a socorrer o capitalista Ramiro: ele morrera em conseqüência de uma injeção de tétano que, galopante, lhe tomara o corpo todo. O capitalista Ramiro de Castro havia tomado uma injeção de extracto de cadáveres podres!

Quem dera essa injeção? O creado Augusto Meira, o primeiro detido, contou que, pouco antes do almoço, o dr. Lupcinio Sintra dera uma injeção, a injeção que sempre costumava dar, ao capitalista seu patrão: uma injeção de cantáridas...

O Paulito Carvalho, ou Paulo Carvalhinho (a quem o creado se referia de passagem) apertado na prisão da «Central», confessou que Ramiro de Castro lhe havia pago para dar uma injeção em Fernando Pais Teles, injeção esta que lhe fôra entregue, já na seringa, pelo dr. Lupcinio.

O dr. Lupcinio Sintra, após várias negativas, acabou contando tudo: recebera dinheiro do seu amigo Ramiro, para preparar, com suco de cadáveres podres, uma injeção capaz de matar o seu jovem rival. Levava a ampola macabra para a residência do capitalista e lá enchera a seringa, ou melhor uma das seringas. A outra seringa, a das cantáridas, a seringa que devia levantar as forças do abastado capitalista, estava perto... Mas, embora parecidas, até no conteúdo, estavam em posições diferentes, na mesa.

Tavez tivessem trocado? Quem sabe? Augusto Meira reconhecia que fôra imprudente, aproveitando a ida do dr. Lupcinio até ao interior da casa para pegar nas duas seringas. Mas pensou que ambas fôsem remédio para o patrão. Depois, o doutor decerto as examinaria, antes de injectar...

Mas o doutor estava tomando cachaça... A cachaça pernambucana, que ele muito apreciava, não chegava para embriagá-lo. Mas, turvan-

(Conclui na pag. 15)

A INQUIETAÇÃO UNIVERSAL

HÁ TRINTA ANOS E AGORA—A GRANDE GUERRA, ESCOLA DE FEROCIDADE—O ESPÍRITO DE INQUIETAÇÃO DÁ A VOLTA AO MUNDO

Há quanto tempo lá vai aquêlê sossego, aquela tranqüilidade de espírito—que nem o vôo de uma música conseguia perturbar—que nós gozámos na nossa infância! Bons tempos êsses! Não havia greves, as questões políticas atingiam a sua máxima vibração no berreiro inofensivo dos comícios, os nossos ouvidos não sabiam distinguir pelas detonações o calibre das armas de fogo e, quando passávamos uma vista pelo mapa-mundi, verificávamos que por tôdo o globo reinava uma paz podre, um silêncio quási sepulcral, de raro a raro perturbado por um motim nos Balkans—que era a pequena chama que havia de incendiar o mundo.

Discutiam-se reformas sociais, projectavam-se remodelações completas dos regimes, idealizavam-se sociedades paradisíacas, mas tôda essa inquietação de espírito não passava de algazarras dispersas por cenáculos, cafés e outros centros de cavaco. Era raríssimo essa exaltação de espírito transformar-se na arrucação que amedronta o bom burguês ou na bala assassina de um louco que se julga iluminado. Quando excepcionalmente, muito excepcionalmente, em França ou noutro

qualquer país mais exaltado se erguia uma barricada ou se disparava um revolver, ia por êsse mundo fóra um assombro sem limites. Os fios do telegrafo, transmitindo a notícia da grande desordem ou do grave atentado, as parangonas dos

bate por causas justas e injustas, boas e más, mas que deixam sempre o seu rasto de sangue, de dôr e de miséria. Quem nos diria, por exemplo, que na Inglaterra tradicionalmente sossegada se ergueriam um dia braços outrora pacíficos para



A polícia egípcia durante a última revolta nacionalista, preparando-se para fazer fogo

jornais dando realce ao grande acontecimento, que na maior parte das vezes não passava de um insignificante *fait-divers*, provocavam a indignação de tôda a gente, que levantava os braços ao ar afirmando que uma onda de loucura envolvia a humanidade. Bons tempos êsses, em que os povos se conformavam com os regimes que tinham e não tentavam por meio de petardo, da pistola, da metralhadora, dos gases asfixiantes e lacrimogêneos implantar na terra o reino dos céus.

Se fizemos subitamente um paralelo entre a vida dos povos de há trinta anos e a dos nossos dias, não poderemos deixar de supôr que um ente poderoso, maquiavélico, que se oculta aos nossos olhos, voando em tórno do globo e deixando atrás de si um rasto de mau-estar, inoculou nos homens o espírito de revolta, e ensinou-lhes as artes mais requintadas de fazer mal ao próximo. A grande guerra foi a grande escola. Nela aprendeu a humanidade a desprezar a vida, a não ter o menor carinho nem respeito por mulheres, velhos e crianças—os inocentes que, não tendo culpas, expiam afinal tôdos os crimes.

Onde há trinta anos a vida, embora encurralada nas quatro paredes estreitas de orçamentos modestos, decorria em aparente felicidade, ergue-se hoje um vulcão de tumulto e desordem, de com-

ameaça e agredir? E na disciplinada Alemanha, que antes da guerra caminhava—alinhada e a passo rítmico de marcha de gala—para a prosperidade e a abundância, quem diria que mais tarde comunistas, espartakistas e anarquistas haviam de abalar essa disciplina em tumultos que a agitaram de norte a sul? Em França, onde as questões políticas e sociais se resolviam quási sempre por formas turbulentas, verifica-se agora que essa turbação adquire quando explode fórmias gigantescas, obrigando a verdadeiras mobilizações de tôda a policia, cada vez mais aperfeiçoada na arte de reprimir tumultos. O Egipto era, há trinta anos, quási um país de opereta, indifferente, por influéncia do clima ou por preguiça mental, ao seu destino como nação; agora, nestes últimos anos, os tumultos provocados pelos nacionalistas chegam a atingir proporções tão graves que obrigam a Inglaterra, «desinteressada protectora», a franzir o sobrolho, e a policia, adestrada à europeia, a formar quadrado nas ruas para conter os desordeiros. A Italia de Mussolini ainda hoje tem, de quando em quando, os seus períodos agitados que obrigam a repentinas mobilizações dos «camisas negras». A Russia, a velha Russia dos Tsares, que nos bons tempos do sossego universal



Como os gendarmes franceses prendem os recalcitrantes

(Conclui na pag. 15)

A mulher mais perversa de Lisboa

Como penetra a corrupção no seio pacato de famílias honestas—O perigo de certas «gentis» professoras—Cuidado, chefes de família!

MADAME G. é delgada, pequena, tem um ar infantil, uma candura no olhar e uma sinceridade na frase que encantam desde logo.

Vive do seu trabalho — é professora de francês — e deve ter bastantes discípulos pois se apresenta muito bem indumentada.



Madame G.

Fala de coisas interessantes, faz-se ouvir com agrado pelas famílias dos alunos, insinua-se pela sua franqueza.

Conta os horrores que passou em Paris durante a guerra: o pai combatente, a mãe sempre assustada e com um génio insuportável, a sua vida falta de carinhos, a necessidade de ganhar a vida que a obrigou a aceitar um lugar de dactilógrafa num dos inúmeros serviços do Ministério da Guerra em França.

Depois a sua doença que a obrigou a vir para uma casa de saúde dos Pirineus, a falta de recursos, uma viagem através de Espanha fazendo parte de uma companhia de *music-hall* e finalmente a sua chegada a Portugal, outra vez sem recursos mas tão bem recebida por toda a gente que aqui se tem deixado ficar... e entra num elogio dos portugueses, comovedor de gratidão.

O QUE MADAME G. OCULTA

De facto alguma coisa há de verdadeiro na história que Madame G. conta. Simplesmente ela oculta que atravessou a fronteira francesa pelo braço de uma guarda-marinha espanhol e que com ele viveu o tempo suficiente para ter uma filha que abandonou em San Sebastian.

Fugiu para Bilbao, onde adoeceu gravemente. Sem recursos, foi recolhida num hospital mas o médico assistente, encantado com aquela candura de olhar e a franqueza da frase, passou a viver com ela até que...

Assim, passando de amante em amante, os quais abandonava logo que nascia uma criança, chegou a Portugal, verdadeiro país de *cocagne* para a sua perversidade.

Que idade terá? — pergunta o leitor. Tem trinta anos mas aparenta vinte e dois apenas.

Muitas outras coisas oculta madame G. como, por exemplo, onde guarda as *prenhas* que os filhos-famílias roubam às mães para lhe dar; como pode perder duas e três horas em algumas lições, ela que deve ter inúmeros discípulos e, logicamente, o tempo contado; ou qual a razão das suas frequentes viagens a França.

MADAME G. EM ACÇÃO

Escolho este caso, entre muitos que conheço e que, variando apenas em detalhes, sem importância capital na acção, obedecem todos à mesma traça.

Uma família burguesa composta de papá, mamã e dois rebentões.

O papá é estabelecido, a mamã dá-se ares de pessoa fina, o menino tem 17 anos e a menina 16.

São ricos ou, pelo menos, estão bem instalados na vida.

Madame G., que só toma alunos que já saibam alguma coisa de francês, fala-lhes pausadamente, ensina-lhes a bôa pronúncia, passa-lhes temas, leva-lhes livros e revistas para lêrem e traduzirem e, com aquela voz de acentuação tão verdadeira e com o seu tão cândido olhar, vai sabendo tudo o que quer e insinuando-se a ponto de sair com os *meninos* a tomar chá na Baixa.

Num desses passeios tem curiosidade de saber onde é a loja do papá e logo essa curiosidade é satisfeita com alvoroço.

Em geral o papá tem tempo para conversar um pouco e ela conquista-o a ponto de ser instada a voltar por ali mais vezes. Quando não pode ser o papá, é a mamã que se encanta com os bons modos de Madame G. e... o resultado final é quasi o mesmo.

Entretanto e como os *meninos* já estão muito adiantados, é melhor marcar os dias das lições do menino alternados com os da menina para não se aborrecerem com assuntos que lhes não interessam... Sim, porque os assuntos da conversação devem sempre ser adequados ao sexo do discípulo, não é?

Toda a família está de acôrdo e só vê a bôa vontade e honestidade profissional de Madame G.

E como não estar!...

Aquêle olhar tão cândido inflama o *menino* às segundas, quartas e sextas, e a sua voz tão verdadeira faz andar à roda

a cabeça da *menina* às terças, quintas e sábados.

A MULHER VAMPIRO

Ao cabo dumás semanas os *meninos* estão doentes, fracos, nervosos, e é a própria Madame G. quem propõe umas férias, mas a sua falta é muito sentida por toda a família e ao mesmo tempo têm dó dela. Coitada... deve fazer-lhe diferença estar sem ganhar das lições...

É o menino vai a casa de Madame G. levar-lhe um presentezinho e saber da sua saúde.

O que acontece não sei, mas o facto é que elle começa a vir, às noites, mais tarde para casa e a gastar um dinheiro louco até que há a scena inevitável: uma joia que desaparece, dinheiro emprestado por um agiota que *avisa o papá* das dividas do menino, e quem tem a culpa é o jôgo, o maldito jôgo que arruina os filhos-família.

O jôgo! O pimpólho agarra-se a essa tábua de salvação para não confessar que o dinheiro do agiota e as joias da mamã tinham passado para as mãos de Madame G., e tem com ela a confidência da origem dos presentes.

Ela já não tem candura no olhar nem verdade na voz; antes com olhos ferozes e voz cortante lhe chama idiota *por não ter feito bem as coisas* e o põe na rua porque não quer complicações com a policia se o papá descobre tudo.

Com a *menina* passa-se a coisa de outra forma.

Um dia Madame G. escreve um bilhetinho perguntando pela saúde da menina. Depois vem uma troca de cartas em que Madame G. prudentemente mascara insinuações e em que a menina abre inteiramente a alma em confidências e saídas de bons momentos passados.

Então Madame G. vai visitar a menina mas em lugar do cândido olhar e da voz da verdade, olha com cinismo e fala em tom de ameaça.

Se a menina acha bonito escrever coisas daquelas? Veja se as cartas dela falam de alguma coisa? Não. Pois saiba

(Conclui na pag. 15)



A menina de 16 anos

Entre mulheres

T. S. F. X.

— O' FILHA, francamente, isso é de mais! — disse Palmira Meireles, cumprimentando a sua amiga Eleuteria Pais Marçal. — Tu que passavas por elegante, que fôste uma figura destacavel no desfile do Chiado, apareces-me agora, depois de alguns meses, assim, farfuhlada, enchumada como se engulisses dia a dia dois ou três quilos de manteiga!...

— Deixa-me cá; também eu ando apontada com este engordar exagerado. Mas, o que ei-de eu fazer, minha filha?

— Alimenta-te muito, certamente.
— Olha que não, Eleuteria! — De manhã, uma chícara de leite e uma torrada inconcebível. À uma hora da tarde, depois do meu banho e da minha toilette, vou para a mesa do almoço: um caldo de verdura, um pouco de carne, fruta — de preferência, banana —, e nada mais. Às oito horas, o jantar: sopa, um prato de peixe, a inevitável carne, doce, fruta — de preferência tangerina... E aqui tens, cara amiguinha, de que constam invariavelmente as minhas duas refeições.

— E vinho, não bebes vinho?
— Não. E' coisa que abomino!
— Mas, à tarde, não tomas nada? Um pouco de chá, ou um bolo?
— Ah, é verdade: esquecia-me dizer-te: não posso passar sem os meus bolinhos comprados em várias pastelarias de fama. E é essa, talvez, a minha refeição mais substanciosa e agradável.

— Ora aí está o motivo da engorda!
— O quê?
— Sim, minha filha: E' que em Lisboa há só uma casa onde se podem comprar bôlos. E' a casa de Joaquim Gonçalves Costa, Succesores, na Rua do Carmo, 106. São bôlos excepcionais! Alimentam, mas não engordam — o que é lamentavel numa mulher que se preza de elegante! E que delicias, minha filha! Os famosos bôlos açoreanos, os célebres pastéis de Alcobaca, os inimitáveis «plum cakes» e os folares da Pascoa, só ali pôdem comprar-se! Escusas de correr, de procurar, que em Lisboa não encontras casa que com mais gentileza e mais confiança possa fornecer-nos essas pequeninas coisas saborosas tão indispensaveis à nossa vida e necessárias à saúde.

COISAS QUE TODOS

DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artisticas e mobiliário género antigo

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064

(Continuação da pag. 4)

em tirar proveitoso partido do caso. Aguardou pacientemente ocasião propicia, até que, de certa vez, encontrou-os em flagrante delicto de adultério. Então, com serenidade desconcertante, de pistola em punho, ameaçou-os: — «Podia matá-los a ambos... Tenho a lei a meu favor. No entanto, sou generoso!» E voltando-se para o amante dela, acrescentou com um sorriso de revoltante cinismo: — «Minha mulher vale bem zo contos, não é verdade? Pois bem! Preencha o cheque dessa importância e... liquidamos o assunto. A não ser que escolha antes uma bala desta arma no crânio...»

O outro — que também era casado —, temendo o escândalo, enojado com aquele escarro da humanidade, assinou o cheque e retirou-se.

De então para cá, Marta e Sousa, concertado com a mulher, especula habilmente com os confidantes amantes dela, aumentando por este repugnantissimo processo o seu já valioso «pe-de-meia».

Entretanto, o nosso «respeitavel» Marta e Sousa, que continua a ser considerado e bem visto na sociedade coimbrã, servindo-se da sua maravilhosa e prodigiosa inventiva, concebeu um outro «negócio», porventura tão repugnante como todos os outros da sua vasta collecção e não menos rendoso.

Dos seus tempos de estudante boémio conservava uma viva recordação de certa tricana graciosa que lhe passara pelos braços, dandolhe as primicias do seu coração virginal, conquistada pelas «brilhantes falas do sr. doutor...» Procurou-a e encontrou-a já pervertida pela desgraça e entregue à dolorosa existência de lileiceira de amor venal... Armado-se em cuidadoso protector, restou a esta mulher, acorrendo-a novamente à sua influencia dominante.

Estabeleceu-lhe casa própria, associando-se a ela para a exploração do infame comércio da carne humana. E a reconhecida Olivia, orientada pelo Marta e Sousa, passou a viver mais desajustadamente, bem alimentada e melhor vestida. Da receita líquida da estranha sociedade, cabe-lhe a ela a menor percentagem. Mas isso não importa, porque o «negócio» é lucrativo. Já tem duas casas: uma, explorada permanentemente, em Coimbra; e outra, na Figueira da Foz, aberta só de verão — a quadra forte das praias.

As desgraçadas raparigas para as ultimas são recrutadas nos bairros pobres da cidade, atraídas por enganadoras promessas de vida pródiga e confortavel, e, abandonadas, ao fim dos seis meses da temporada, mais pobres do que antes, desiludidas, tristemente arrependidas e mortificadas pela vergonha... Depois a sociedade coloca as cruelementes sob o seu «índice» negro e elas voltam ao enxurro, como um único refugio, atascando-se de opróbrio e vergadas ao seu trágico destino...

Isto enquanto o Marta e Sousa, na sua escritório, estrega as mãos de jubilo e prepara novos golpes, amealhando grossos cabedais. Porque parece que o dinheiro é a suprema razão de ser deste ignominioso cavalheiro, cujo lugar é na cadeia.

ESTRANGEIRO

Junta de Freguesia do Sacramento

Comemorando a Pascoa, a Comissão Administrativa desta Junta distribuiu, no ultimo domingo, um bôdo aos pobres.

Agradecemos reconhecidos as duas senhas que nos enviaram para os pobres nossos protegidos.

Uma reportagem entre os "rufias" de Lisboa

(Continuação da pag. 9)

tamente os nervos. Por momentos fico assombroado, estatuado de espanto, com o cérebro quieto e os olhos a viverem-me uma eternidade emotiva.

Deitados sobre simples cobertores, acanhados uns aos outros, para se aquecerem, dormiam seis pessoas. A almofada era constituída por uma corda, estendida de extremo a extremo da sala, a todo o comprimento, e presa a dois camareiros até a uma altura de vinte centímetros do solo. Sobre a corda tinham os miserandos disposto as mais diversas peças do vestuário, para dar mais cômodo ao dormir. De manhã — explicou-me a minha «cicerone» —, basta de saltar um dos extremos da corda para que os dorminhocos, batendo com a cabeça no chão, despistem e acordem de vez.

E não pense o leitor que são invenções minhas o que acabo de escrever. A verdade da quele triste quadro de miséria, a odisseia da quele monturo de farrapos humanos, tive-a eu presente ante os meus olhos atônitos, registando-se-me na retina visual essa tida horrível que já mais esquecerei.

Horrorizado, impressionadissimo, abandonei aquêle império da miséria — doloroso mundo onde vegetam todos os resquícios da escória social, todos os restos da ralé humana. A hospedeira ficou atontada e incrédula quando lhe deixei cair nas mãos espalpadas uma pequena nota do Banco — fugindo em seguida.

Cá fora, na rua, dilatei voluptuosamente os pulmões, sorvendo a haustos largos e profundos o ar agreste da madrugada.

O dia avizinha-se vertiginosamente. E eu sei saber como encontro-me numa leitaria da Rua Fernandes da Fonseca, saboreando um café e escismado dos bairros exóticos de Lisboa, da burguesa cidade de Lisboa que a essa hora se espreguça dolentemente, acordando para o novo dia de trabalho, que desponta.

Era já manhã clara quando, junto de mim, passa veloz e reluzente um automovel. Dentro, muito juntinhos, bisbilhotei um casal, um casal de pessoas concenciais: — Ele, é o Lindinho, que os leitores já conhecem pela descrição que dele faço algumas linhas atrás; e ela é... é... é uma interessante «estréla» do nosso teatro ligeiro, muito conhecida pela extravagança das suas aventuras amorosas e um pouco, também, pela paixão dos paraísos artificiais...

O leitor que adiveja — porque eu quero ser generoso...

AMERICO FARIA

A CÊRA DR. LUSTOSA

que cura a dôr de dentes em 5 minutos

foi finalmente posta à venda — em todas as farmacias —

Preço — Tubo 8 \$ 00

DEPOSITÁRIO GERAL

Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989

SECÇÃO DENTARIA

Polycarbo

Fazer referências a este jornal

A mulher mais perversa de Lisboa

(Continuação da pag. 13)

que está disposta a ir mostrar aquela porcaria ao papá, à mamã, a toda a gente...

E a menina dá os brincos, o «pendentif», o colar, em troca daquelas cartas malditas... e quem paga é o jogo que obrigou o mano a roubar as joias à mana.

A VERDADEIRA MADAME G.

Parece novela tudo o que escrevi, mas garanto que é verdade.

Madame G. existe e a sua história autêntica é esta:

Aos dezasseis anos teve um filho defeituoso, um aleijãozinho.

O pai nunca mais apareceu.

Expulsa de casa, teve que trabalhar para viver e sustentar o filho, e então começou nela a nascer um ódio enorme contra toda a gente.

Abandonava os amantes para se vingar do desaparecimento do pai do aleijãozinho, abandonava os filhos que ia tendo porque eram bem conformados e, por isso mesmo, os compará-los com o primeiro, os odiava.

E sempre que um filho-família roubou por sua causa ou quando uma família inteira se desmembrou em virtude das suas perversas maquinações, ela, à noite, agarrada ao filho corcunda, dá-lhe lições de ódio, incitando-o com o próprio exemplo a vingar-se da humanidade, e grita, desgrednada e rouca:

— Não te esqueças nunca de mim, meu filho, porque eu sou a Justiceira.

TOM

Não é sonho, é realidade...

HÁ REALIDADES na vida que não parecem realidades — como há certezas dolorosas que por momentos se afiguram inconcebíveis e fóra de todo o sentido normal.

Vem isto a propósito do milagre quasi divino que a casa Barros & Santos — Rua do Carmo n.º 70 — está fazendo com a mais simpática probidade comercial.

Ali se encontram gabardines de magnífico talhe e optima qualidade; lindíssimas meias de senhora em côres variadíssimas, modernas, e resistentes; toalhas turcas em todos os tamanhos, luvas, suspensórios, camisas de finíssimo tecido, pijamas que o próprio Príncipe de Gales não deixaria de usar; chapéus de feltro excepcional; gravatas, piugos da mais bela fantasia. E muitíssimas outras coisas indispensáveis o publico encontrará naquela casa, por preços que fazem pasmar o ente mais precavido para estas e outras surpresas que a vida nos dá — de vez em quando...

A inquietação universal

(Continuação de pag. 12)

era dos países que nos assombravam com as suas associações secretas e os seus atentados à bomba, não sepegou depois da ditadura bolchevista — ditadura que criou a policia mais feroz e audaciosa de todo o mundo — porque a cada passo lá se descobrem novos «complots» e ainda há bem pouco tempo toda a nação foi agitada por um vendaval de revolta que muito a custo se reprimiu.

Mas não julgemos os leitores que termina por aqui o grande «film» desenvolvido sem interrupção da inquietação humana nos nossos tempos. Lancemos um olhar para o Oriente e da Grecia para lá (que já nos deu vários espectáculos de arruação politica), uma enorme labareda lambe e cresta todas as nações. E' na Persia o povo revoltado contra o predomínio inglês; é no Afaganistan um rei, que ainda há pouco tempo, na companhia da mulher, esteveou pela Europa a sua realza, derrubado por um irmão mais hábil e mais forte que contra elle ergueu uma parte do povo; é na India a revolta mística de Gandhi contra o poder britânico; é na China, a grande nação que dormiu durante séculos sob a acção do ópio de uma civilização vetusta, que, picada pelo microbio das grandes reformas sociais, desperta para uma guerra civil interminavel, cujas consequências ainda não se podem prever.

A America é a grande mestra da revolução politica. Com o Mexico à cabeça, seguido de todas as republicas espanholas e imitado de quando em quando pelo Brasil, a America é e continuará a ser por muito tempo a fogueira onde o espirito de revolta permanece sempre ateado.

Antigamente era o mundo que, voltando uma vez por outra os olhos para Portugal, exclamava: «Mais uma revolução! Que povo tão desassocegado!» Hoje é Portugal que se volta para esse mundo e exclama: «Quando resolverão os povos entrar numa fase de tranqüilidade estavel...» E parece-nos que não há videntes nem profetas que sejam capazes de fixar com rigor a data em que reinará a almejada paz universal, em favor da qual se produzem no fim de contas todas as desordens, todos os tumultos, todas as arruações, todos os actos violentos absolutamente contrários ao espirito dessa mesma paz.

Z.

NOVELA POLICIAL

Director: REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

JUNQUEIRA

(Continuação da pag. 7)

rem-lhe o lugar de consul, como simples jornalista. Uma noite, num jantar em casa do Nicolau Mesquita, em Chaves, depois de um opiaparo repasto, veio uma galinha corada. Ninguém lhe tocou. Já se não podia mais. Ferreira Martins chamou a si o galináculo e comendo e conversando deixou-lhe apenas o cavername, e bem esbragadinho.

Além de formidavel gastrônomo era o Ferreira Martins um habilidissimo «az» de pitêus. Fazia-os à maravilha

Bons «cops», no jornalismo conheci muitos. O Constantino, o Jesus Costa e o Saramago, que foram reporteres do Governo Civil, há bons vinte anos. O Lutero de Moraes que foi, primeiro, reporter do Governo Civil e, depois, cronista parlamentar do jornal «O Dia», no Senado.

Todos quatro já lá vão. E o Aprigio, o Ivo de Montfort, o Stuart, o primeiro e o último agora em periodo de «regeneração».

Todos ês óptimos camaradas. Todos! Parece que a boémia de há vinte, de há trinta anos, sem ché das cinco, nem copinhos de leite, era mais consentânea com os altos sentimentos da boa camaradagem.

«Bons garfos» e «bons cops»! Que saudades! Como a solidariedade desta rapaziada de há duas dezenas de anos era diferente da solidariedade de hoje!

Outros tempos, outros costumes. Lavez isto não seja mais do que rubricage precezo duma velhice que se aproxima...

JOÃO PAULO FREIRE

Mistérios do Rio de Janeiro

(Continuação da pag. 11)

do-lhe ligeiramente a cabeça, tornava-o menos atento a certos detalhes... Que seringa teria elle entregue ao Carvalho, ao Paulito? A injeção de cantháridas? Parecia a que sim... Devia ser isso, com certeza, porque o casal Fernando-Giselle, interrogado, disse que a picada sorrateira sofrida pelo rapaz no Restaurante Reis seria, talvez, a única explicação para certas alterações que elle sentira depois, alterações essas que foram muito notadas por ella, Giselle Boissy, franceza, 19 anos, divorciada, «vedette» em disponibilidade, presentemente em turismo pela Sul-America.

M. B.

QUERES DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correlo mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOVELA POLICIAL N.º 12

Director: REPORTER X



Quinta-feira, 16 de Abril

O FANTASMA
DO "NICOLA"
